Caminhos
Revista de Ciências da Religião
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)

ARTIGO LIVRE

— DOSSIÊ —
RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E EXPRESSÕES REGIONAIS DAS ARTES

A RELIGIÃO PÓS-MODERNA E AS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS: INTERFACES E TENSÕES NO SÉCULO XXI

HUGO BRANDÃO
Instituto Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.
hugo.brandao@ifal.edu.br
orcid.org/0000-0001-9665-089X

RESUMO: investigamos as interações contemporâneas entre a religião, pós-modernidade e as Inteligências Artificiais (IAs). Objetivamos compreender de que maneira as IAs estão implicadas na produção, mediação e ressignificação da religiosidade pós-moderna. Nesse contexto, torna-se necessário compreender como o sagrado é ressignificado na era digital e como as tecnologias algorítmicas participam dessa reconfiguração. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada na análise crítica de autores contemporâneos e na articulação teórica entre os conceitos de religião pós-moderna e inteligência artificial (IA). Os resultados indicam que as IAs podem não apenas desempenharem funções utilitárias nas práticas religiosas, como operarem como novos oráculos digitais e agentes simbólicos do sagrado, coautoras da experiência religiosa, da produção de sentido, da personalização da fé e das novas configurações do sagrado, podendo se configurar em uma religiosidade moldada por algoritmos.

Palavras-chave: *Religião. Pós-modernidade. Inteligência Artificial.*

POSTMODERN RELIGION AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE: INTERFACES AND TENSIONS IN THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: we investigate the contemporary interactions between religion, postmodernity and Artificial Intelligences (AIs). We aim to understand how AIs are involved in the production, mediation and resignification of postmodern religiosity. In this context, it becomes necessary to understand how the sacred is resignified in the digital age and how algorithmic technologies participate in this reconfiguration. The research adopts a qualitative and bibliographical approach, based on the critical analysis of contemporary authors and the theoretical articulation between the concepts of postmodern religion and artificial intelligence. The results indicate that AIs can not only perform utilitarian functions in religious practices, but also operate as new digital oracles and symbolic agents of the sacred, co-authors of religious experience, the production of meaning, the personalization of faith and new configurations of the sacred, and can be configured in a religiosity shaped by algorithms.

Keywords: Religion. Postmodernity. Artificial Intelligence.

O presente artigo propõe uma reflexão interdisciplinar entre três campos de estudo contemporâneos: a inteligência artificial (IA), o pensamento pós-moderno e a religião. Com base em abordagens da filosofia, sociologia, ciência da computação e das ciências da religião, buscando investigar como os avanços tecnológicos, sobretudo em relação as Inteligências Artificiais (IAs), entrelaçam-se com o imaginário religioso e os paradigmas epistemológicos da pós-modernidade; discutindo acerca dos impactos da IA sobre o universo religioso e suas possíveis reformulações do sagrado em um mundo marcado pela incerteza, pelo individualismo, pela hiperconectividade e pela fragmentação de sentidos.

Este artigo investiga a interseção entre a religiosidade pós-moderna e o papel emergente das IAs como mediadoras, criadoras e moduladoras de experiências religiosas no contexto atual. A partir da análise da subjetivação da fé, da desinstitucionalização do sagrado e da lógica de consumo espiritual, discutimos como as IAs participam dessa nova lógica religiosa como plataformas de sentido, personalização e até mesmo como metáforas do transcendente, uma vez que, o sujeito contemporâneo molda sua religiosidade conforme suas necessidades existenciais, em uma prática de bricolagem simbólica.

Recebido em: 08/05/2025. **Aprovado em:** 28/07/2025.
DOI: dx.doi.org/10.18224/cam.v23i2.15273
Editor-Chefe: José Reinaldo Felipe | orcid.org/0000-0001-5264-5875

OPEN ACCESS
CC BY NC ND

Nos últimos anos, a IA tem promovido transformações significativas em diversos domínios sociais, incluindo o campo religioso que, por exemplo, na aplicação de sistemas de IA na elaboração de sermões e estudos bíblicos, tem proporcionado novas formas de interação com os textos sagrados, contribuindo para a otimização do desempenho dos líderes religiosos. Os líderes religiosos já vêm incorporando recursos de IA em suas práticas com o objetivo de aprimorar a compreensão de passagens bíblicas. Seus defensores advogam que tais tecnologias permitem uma análise aprofundada das escrituras, favorecendo interpretações mais contextualizadas (Usmani; Happonen; Watada, 2024).

Contudo, esse uso suscita debates relevantes acerca da possível substituição da intuição humana e da inspiração de natureza divina no processo hermenêutico. A incorporação da IA nas dinâmicas religiosas também impõe desafios de ordem ética, particularmente no que tange à preservação da autenticidade da experiência religiosa, visto que, recursos tecnológicos como *chatbots* e algoritmos de recomendação têm sido utilizados para a personalização de sermões e orientações espirituais (Garcia, 2021). No entanto, até que ponto essas ferramentas mantêm o caráter sagrado e comunitário da fé? A personalização exacerbada pode acarretar um processo de desumanização da prática religiosa, tornando-a excessivamente mecanizada, diante disso, impõe-se uma reflexão crítica sobre a necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre a tradição religiosa e o uso de tecnologias emergentes, a fim de assegurar que a experiência religiosa conserve sua essência genuína (Garcia, 2021).

Os avanços tecno-científicos ao longo da história têm provocado significativas transformações nos paradigmas socioculturais, instigando as religiões a se reposicionarem diante de novos contextos ou sendo, em muitos casos, compelidas a esse reposicionamento em virtude de rupturas culturais e da erosão da confiança em sistemas de crenças previamente estabelecidos. Momentos históricos emblemáticos, como as grandes navegações, as descobertas no campo da astronomia, as formulações da teoria da evolução das espécies e da teoria da relatividade, geraram impactos substanciais no imaginário coletivo e nas estruturas culturais de suas épocas. Diante da emergência da IA, torna-se pertinente indagar: quais desafios e questionamentos ela suscitará às tradições religiosas? (Aguilar, 2022).

É notório que a IA tem se consolidado como um dos principais vetores de transformação do século XXI, contudo, paralelamente, vivemos em um contexto cultural caracterizado pela pós-modernidade – termo que designa uma condição sociocultural marcada pelo ceticismo em relação às metanarrativas e pela valorização da pluralidade de discursos.

Neste cenário pós-moderno, a religião, historicamente compreendida como uma das grandes narrativas explicativas da realidade, é desafiada a se reposicionar diante de novas formas de racionalidade e mediação tecnológica.

Jean-François Lyotard, em *A condição pós-moderna* (1979), afirma que a Pós-modernidade é essencialmente marcada pela "incredulidade em relação às metanarrativas"; nesse sentido, portanto, podemos inferir que a religião, assim como por exemplo a ciência moderna, é deslocada de seu papel central de produtora de sentido universal, ao menos quando tratamos de mundo Ocidental, marcadamente fundamentado e sustentado por um modelo teológico, a saber: Deus.

Com o advento da pós-modernidade, a multiplicidade de crenças, a subjetividade como fonte de verdade e a fragmentação dos referenciais tradicionais colocam em xeque a autoridade das instituições religiosas e, também, dos modelos científicos hegemônicos. Sendo nesse contexto que a IA surge, representando muito mais do que uma inovação tecnológica, trata-se, sobretudo, de um novo paradigma epistemológico. Pois, sistemas de IAs já são capazes de realizar diagnósticos médicos, gerar textos criativos e, até mesmo, tomar decisões judiciais assistidas, demonstrando uma alta capacidade de processamento e tomada de decisão automatizada, o que evoca comparações com atributos tradicionalmente associados ao divino, como por exemplo a onisciência e onipresença. Surge, assim, um novo imaginário tecno-religioso, onde algoritmos passam a ser tratados quase como oráculos e os dados quase como revelações.

> Que a IA pode ser tomada como uma entidade divina é compreensível, dados esses variados fluxos culturais que se cruzam. A diferença, porém, é que uma inteligência artificial superinteligente pode se tornar, de fato, uma entidade com poder divino e, portanto, representar um perigo para a humanidade e um desafio para a religião (Reed, 2018, p. 12).

Todavia, ainda que possamos discutir sobre suas tensões aparentes, destacamos, que religião e tecnologia não são mutuamente excludentes, visto que, muitas tradições religiosas têm incorporado tecnologias digitais, inclusive sistemas de IA, como ferramentas pastorais, educacionais e litúrgicas, bem como, novos movimentos religiosos que surgem com base em narrativas transumanistas prometendo a superação da morte biológica e a ascensão da consciência através da tecnologia – um projeto que ressoa com antigas promessas de transcendência. Logo, ressaltamos que a IA, muito embora seja baseada em uma lógica algorítmica, suscita questões ontológicas e espirituais – questões intrinsecamente religiosas –, pois, a criação de máquinas "inteligentes" instiga debates sobre alma, consciência e humanidade; a própria possibilidade de uma IA autoconsciente levanta dilemas éticos e metafísicos que a religião tradicional aborda há milênios.

Em um mundo pós-moderno, onde o sagrado é reconfigurado constantemente, a IA pode funcionar como um novo espelho das inquietações humanas diante do mistério da existência.

Este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, desenvolvida com o objetivo de analisar criticamente as interfaces entre a religião pós-moderna e o desenvolvimento

das IAs, compreendendo suas implicações epistemológicas, simbólicas e sociais. A investigação foi conduzida a partir de revisão teórica interdisciplinar que abrange contribuições da filosofia, sociologia, ciência da computação e das ciências da religião, buscando articular os conceitos de subjetividade, experiência religiosa, tecnologia e pós-modernidade. A abordagem qualitativa permitiu explorar os sentidos atribuídos às práticas religiosas na contemporaneidade, especialmente aquelas mediadas por tecnologias inteligentes, e descrever de forma interpretativa as transformações simbólicas e existenciais que emergem desse novo contexto.

Destarte, enfatizamos que a estrutura do artigo se organiza em duas partes interdependentes. A primeira seção, intitulada *Pós-modernidade e as Inteligências Artificiais*, examina os fundamentos conceituais da condição pós-moderna, ainda que não se aprofunde na discussão do que é a pós-modernidade, e os modos pelos quais as IAs representam não apenas inovações técnicas, e sim, novos paradigmas cognitivos e culturais que ressoam com as características da pós-modernidade, como por exemplo a fragmentação das narrativas e a fluidez identitária. Já a segunda seção, *A Religião Pós-Moderna e as Inteligências Artificiais*, aprofunda a análise do conceito de religião pós-moderna, entendida como uma experiência simbólica, subjetiva e descentralizada, a qual se reconstrói a partir das interações com as Inteligências Artificiais. Nesta parte, são exploradas as maneiras pelas quais as IAs se tornam agentes simbólicos na reconfiguração do sagrado, operando como mediadoras de experiências religiosas personalizadas e participando da construção de uma nova, digamos que: "sensibilidade espiritual", ou novas experiências religiosas que caracterizam a religiosidade na era digital.

Defendemos que a convergência entre IA, pós-modernidade e religião nos convida a repensar as fronteiras entre o humano e o tecnológico, o racional e o religioso. Por exemplo, é possível discutirmos que, em vez de opor religião e IA como esferas incompatíveis, a Pós-modernidade permite visualizar novas articulações possíveis, onde o sagrado pode emergir nos espaços mais inusitados – inclusive nos domínios da tecnologia. Essa reflexão não reflete necessariamente a nosso entendimento e posicionamento e tampouco é a centralidade desta pesquisa, trata-se de uma provocação para pensarmos reflexivamente, no intuito de apontarmos ao menos para a necessidade de dialogarmos com a complexidade dos tempos atuais e suas nuances, com temáticas que nos transpassam, dentre elas: pós-modernidade, religião e inteligências artificiais.

PÓS-MODERNIDADE E AS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

O especialista em Tecnologia da Informação Marcos Casella, em obra voltada à história da IA, destaca que "o estudo da inteligência artificial tem uma história recente; a sua data oficial de nascimento é considerada por unanimidade 1956", ano em que ocorreu a conferência de *Dartmouth* (Casella, 2017, p. 5). Já em entrevista conduzida por Dora Kaufman com o físico Davi Geiger, a autora recorda que o termo "inteligência artificial" foi cunhado por John McCarthy em 1955, conforme demostraremos a seguir, sendo definido por ele como a ciência e a engenharia de criar máquinas inteligentes, especialmente programas de computador inteligentes: "inteligência artificial é a ciência e a engenharia de criar máquinas que tenham funções exercidas pelo cérebro dos animais" (Kaufman, 2018, p. 10).

O termo Inteligência Artificial é amplamente aceito e utilizado nos estudos científicos, no entanto não há um consenso sobre a sua definição. O artigo *Computing Machinery and Intelligence* associou a computação com inteligência pela apresentação do conhecido Teste de Turing, publicado em 1950, pelo Matemático inglês Alan Turin (1950). Mas, foi em 1956, como vimos, que o termo Inteligência Artificial foi cunhado pela primeira vez por John McCarthy em Conferência realizada na *Dartmouth College*. Para ele, Inteligência Artificial seria a ciência e engenharia de fazer máquinas inteligentes, especialmente programas de computador inteligentes (McCarthy, 2007).

Embora o termo Inteligência Artificial seja amplamente empregado na literatura científica contemporânea, não há um consenso consolidado quanto à sua definição precisa e tampouco será apreciado nesta pesquisa de forma mais aprofundada. Não temos por pretensão esmiuçar tal conceito, por exemplo refletindo filosoficamente sobre o que de fato é inteligência, acerca de artificialidade ou discorrermos sobre como esse termo foi se constituindo ao longo da história em todas as suas dimensões e significados. Nos limitamos a, introdutoriamente, registrar que a associação entre computação e inteligência foi inicialmente proposta no artigo seminal *Computing Machinery and Intelligence*, publicado em 1950 pelo matemático britânico Alan Turing, no qual é introduzido o conhecido Teste de Turing como critério para avaliar a capacidade de uma máquina em exibir comportamento inteligente indistinguível do humano (Turing, 1950).

Posteriormente, em 1956, durante a Conferência de *Dartmouth College*, o termo Inteligência Artificial foi utilizado formalmente pela primeira vez por John McCarthy, para o qual a IA pode ser definida como o campo da ciência e da engenharia dedicado à criação de máquinas inteligentes, com ênfase no desenvolvimento de programas de computador capazes de simular comportamentos considerados inteligentes, sendo um campo da ciência, cujo propósito é estudar, desenvolver e empregar máquinas para realizarem atividades humanas de maneira autônoma (McCarthy, 2007). Portanto, para os propósitos de nossa pesquisa, compreendemos que a IA é um ramo das ciências da computação que busca construir mecanismos, físicos ou digitais, que simulem a capacidade humana de pensar e de tomar decisões (Barbosa; Portesa, 2023, p. 17). Percebamos que,

> A inteligência artificial é um ramo da Ciência da Computação cujo interesse é fazer com que os

> computadores pensem ou se comportem de forma inteligente. Por ser um tópico muito amplo, IA também está relacionada com psicologia, biologia, lógica matemática, linguística, engenharia, filosofia, entre outras áreas científicas (Gomes, 2010, p. 239).

A obra *Do Caos à Inteligência Artificial* (1993) apresenta uma análise fundamentada em extensa investigação acerca das novas metodologias de produção científica e artística, delineando os contornos de uma cultura emergente. O autor argumenta que o uso intensivo de simulações numéricas e a formalização algorítmica do pensamento científico induzem uma visão reducionista da realidade, na qual tanto os objetos físicos quanto os próprios seres humanos passam a ser concebidos como meros sistemas de processamento de informação. Tal perspectiva, ao privilegiar o cálculo como ferramenta explicativa, o que tende a suprimir dessa maneira a parte essencial do real que jamais será redutível ao cálculo: "O novo paradigma que vai modificar profundamente a nossa visão de mundo, é o da "informação operacional" que se baseia no cálculo e na análise" (Pessis-Pasternak, 1993, p. 256).

Os sistemas de IA operam com base na coleta, processamento e análise de grandes volumes de dados, a partir dos quais são capazes de aprender e se adaptar continuamente à medida que novos dados são incorporados. Por meio de técnicas de aprendizado de máquina, os computadores são treinados para executar tarefas específicas, anteriormente realizadas por seres humanos e, em alguns casos, identificar soluções inovadoras a partir do reconhecimento de padrões complexos nos dados. Tal capacidade configura um marco significativo no desenvolvimento da IA contemporânea que se destaca por sua aptidão em otimizar processos e reduzir etapas operacionais de maneira potencialmente transformadora. Trata-se de um avanço tecnológico que viabiliza a simulação de aspectos da cognição humana por sistemas computacionais, ultrapassando a simples execução de comandos previamente programados. Esses sistemas podem tomar decisões autônomas com base na análise de vastas bases de dados, o que lhes confere a habilidade de inferir, aprender e raciocinar de forma lógica e racional, isto é, a IA visa dotar as máquinas de capacidades cognitivas análogas às humanas, permitindo-lhes interpretar informações, resolver problemas e agir com base em inferências construídas a partir da experiência computacional (Barbosa; Portesa, 2023, p. 18). Acerca da IA, vejamos,

> É uma forma de sistema baseado no conhecimento e foi especialmente projetado para emular a especialização humana de algum domínio específico. Este sistema foi construído por uma base de conhecimento formada de fatos, regras e heurísticas sobre o domínio, tal como um especialista humano faria, e deve ser capaz de oferecer sugestões e conselhos aos usuários e, também, adquirir novos conhecimentos e heurísticas com essa interação (Gomes, 2010, p. 240).

A Pós-modernidade, por sua vez, é uma condição cultural, social e filosófica que emerge não como ruptura, mas como um aprofundamento crítico da Modernidade. Ela marca um tempo histórico caracterizado pela fragmentação das grandes narrativas, pela relativização das verdades absolutas e pela valorização da pluralidade de perspectivas. Ao invés de uma quebra com os ideais modernos, a Pós-modernidade representa uma Modernidade em crise que se autoquestiona e revisita seus próprios fundamentos. As instituições sólidas da Modernidade — como Estado, família e religião — perdem centralidade, enquanto identidades e estruturas sociais tornam-se fluídas e adaptáveis. Este cenário é amplamente influenciado pela globalização, pelas transformações tecnológicas e pela descentralização do poder, contribuindo para um ambiente de incerteza, instabilidade e efemeridade. A Pós-modernidade, assim, é compreendida como uma resposta crítica à Modernidade, que revisita e reformula seus ideais na tentativa de dar sentido à complexidade do mundo contemporâneo (Bauman, 2013).

Já em relação ao sujeito pós-moderno, trata-se da expressão mais evidente da fluidez identitária característica da Pós-modernidade. Diferente do sujeito moderno, visto como um ser de identidade fixa e ancorada em estruturas sólidas, o sujeito pós-moderno é atravessado por múltiplas influências culturais, sociais e tecnológicas que o moldam constantemente. Ele vive a instabilidade como uma condição essencial, imerso em um contexto no qual grandes narrativas já não oferecem sentido duradouro à experiência humana. As instituições tradicionais perdem sua função estruturante, dando lugar a formas descentralizadas de pertencimento como microgrupos e redes sociais. O sujeito pós-moderno busca se redefinir continuamente, refletindo as contradições de um mundo em transformação acelerada. Ao mesmo tempo em que valoriza a diversidade e a liberdade de escolha, enfrenta dilemas como o aumento do individualismo, a superficialidade das relações e a sensação de desamparo. Ele é, portanto, ao mesmo tempo produto e agente dessa nova configuração subjetiva que ressignifica os legados da Modernidade (Brandão, 2022).

O que estamos a apresentar e defender é que há uma robusta conexão entre as reflexões sobre a condição pós-moderna e o surgimento e desenvolvimento das Inteligências Artificiais. Conforme defendemos, a Pós-modernidade não representa uma ruptura com a Modernidade, mas sim seu aprofundamento, caracterizado pela fragmentação das grandes narrativas, pela fluidez das identidades e pela multiplicidade de verdades possíveis. As IAs se inserem nesse cenário como expressão paradigmática dessa nova era, isto é, elas não apenas refletem o pluralismo e a instabilidade epistêmica da pós-modernidade, como também o amplificam ao permitirem múltiplas interpretações e respostas a partir de dados igualmente fragmentados e não hierárquicos.

Com o advento da pós-modernidade, marcada pela dissolução das verdades absolutas e pelo questionamento das estruturas tradicionais de poder e saber (Bauman, 2013),

as IAs assumem um papel central ao desestabilizarem ainda mais os critérios de autoridade cognitiva. A produção de conhecimento, antes atribuída prioritariamente à academia ou a instituições reconhecidas, passa a ser mediada por sistemas algorítmicos capazes de sintetizar informações e gerar conteúdos com aparência de neutralidade técnica, embora permeados por vieses socioculturais e ideológicos, dinâmica que escancara um dos dilemas centrais da pós-modernidade, a saber: coexistência entre a ampliação do acesso à informação e a erosão dos critérios de validação epistemológica.

Evidencia-se assim como os sujeitos pós-modernos experimentam uma crise de referências, marcada por uma identidade instável e contextualmente moldada (Hall, 2005), onde as IAs funcionam como espelhos algorítmicos dessa condição subjetiva, pois, adaptam-se aos usuários, respondem conforme padrões de uso e reforçam bolhas informacionais, contribuindo para uma hiperpersonalização da experiência digital. Trata-se, portanto, de novas subjetividades, as quais não mais se ancoram em valores universais, e sim, em microgrupos e comunidades digitais efêmeras, facilitadas e amplificadas pelas tecnologias da informação. Assim, a IA se torna coautora do sujeito pós-moderno, constituindo com ele uma simbiose identitária fluida e contingente.

Ademais, ressaltamos a dissolução das fronteiras tradicionais – entre público e privado, entre ciência e religião, entre sujeito e objeto – na Pós-modernidade, pois, as IAs operam exatamente nesse território híbrido e ambíguo, cruzando domínios disciplinares, invadindo espaços íntimos e reconfigurando práticas sociais antes rigidamente demarcadas. Por exemplo, assistentes virtuais em casas, diagnósticos médicos baseados em aprendizado de máquina, curadorias culturais feitas por algoritmos, dentre tantos outros, são fenômenos que ilustram como a tecnologia rompe com os binarismos modernos e encarna o *ethos* da ambivalência pós-moderna (Bauman, 2013).

Entretanto, os desafios são tão expressivos quanto as possibilidades. A dependência cada vez maior das IAs para mediação das experiências humanas aprofunda processos de alienação e fragilização do senso crítico, como a superficialidade e o consumismo pós-moderno. As IAs, ao automatizarem decisões e interpretarem padrões, tendem a reforçar lógicas de padronização disfarçadas de personalização, o que pode levar a uma homogeneização sutil das subjetividades, mascarada pela promessa de autonomia algorítmica. As subjetividades pós-modernas, portanto, correm sério risco de se converterem em subjetividades assistidas, onde a fluidez é substituída pela previsibilidade estatística.

Já por outro lado, podemos destacar que as IAs também carregam o potencial emancipatório que a pós-modernidade promete, isto é, o de desconstruir hierarquias, dar voz a múltiplas narrativas e ampliar a pluralidade de perspectivas, uma vez que ao permitir o acesso a saberes marginalizados, a reconexão de comunidades diversas e a criação de novos campos de expressão, as IAs podem contribuir para a concretização de uma ética pós-moderna baseada na inclusão, na pluralidade e na diversidade.

Contudo, é importante registrar, quando abordamos as múltiplas correntes de pensamento sobre a pós-modernidade, concluímos facilmente que essa possibilidade não é garantida, ela depende de escolhas políticas, epistemológicas e sociais conscientes.

O que defendemos *a priori* é que a relação entre a pós-modernidade e as IAs não é apenas tecnológica, mas profundamente ontológica e epistemológica, uma vez que, as IAs não são apenas produtos da Pós-modernidade; elas são, também, agentes de sua intensificação, ou seja, condensam os paradoxos, as ambivalências e as potências dessa era, sendo ao mesmo tempo instrumentos de dominação e de libertação, de superficialidade e de aprofundamento, de alienação e de reconfiguração crítica. Assim como o sujeito pós-moderno, as IAs habitam um território de fronteiras móveis e significados em disputa, sendo nesse terreno instável que se desenha o futuro da humanidade.

A RELIGIÃO PÓS-MODERNA E AS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

A pós-modernidade é caracterizada pela fragmentação das metanarrativas, pela valorização da experiência individual e pelo pluralismo simbólico (Bauman, 2013). Nesse contexto, a religiosidade se transforma em uma experiência pessoal e fluida, desvinculada das estruturas dogmáticas tradicionais. Estamos diante de uma Religião Pós-Moderna, marcada pelo sincretismo, pela lógica de consumo e pela personalização do sagrado (Brandão, 2022), cenário que nos convida a refletir sobre o papel das IAs nesse novo ecossistema espiritual. Acerca da Religião na pós-modernidade, Brandão (2022, p. 86-87) afirma que:

> Trata-se de uma religião individualizada e de uma escolha pessoal, tal como as características da religiosidade, também, apresentadas por Luckmann e Berger, não mais se trata de uma tradição religiosa herdada, e sim, escolhida e com características marcantes apresentadas por Hervieu-Léger (2015), na figura do "Convertido", como veremos posteriormente, que categorizamos como características próprias da pós-modernidade, logo, uma religiosidade pós-moderna.

O sagrado se torna acessível através de experiências individualizadas, que podem ocorrer fora das instituições religiosas, em espaços digitais ou até em relações com algoritmos. A IA surge aqui como mediadora potencial dessas experiências, ao oferecer ambientes personalizados de reflexão espiritual, acesso a textos sagrados, meditações guiadas e diálogos sobre fé que respeitam o ritmo e o repertório do indivíduo, à semelhança dos antigos sacerdotes, que mediavam o acesso ao divino, os algoritmos podem hoje

atuar como pontes simbólicas entre o sujeito e o sentido do mundo. Ferramentas como assistentes virtuais espirituais, aplicativos de oração e plataformas de aconselhamento algorítmico representam uma nova configuração simbólica do sagrado. Neste sentido, destacamos que as IAs passam a não ser apenas tecnologias utilitárias, e sim, potencialmente, novos "oráculos" que participam da construção do sentido religioso na era digital dos sujeitos pós-modernos.

Assim como a religiosidade pós-moderna se afasta das instituições rígidas e tradicionais, as IAs operam fora dos sistemas tradicionais, oferecendo experiências religiosas sob demanda. O digital favorece a religiosidade desinstitucionalizada e as IAs amplificam esse processo ao se adaptarem às subjetividades dos usuários, funcionando como "espelhos inteligentes" de suas mais íntimas e subjetivas crenças.

O Deus da pós-modernidade é ressignificado como uma força simbólica, imanente e flexível e, nessa perspectiva, as IAs, ao representarem entidades quase oniscientes e onipresentes no cotidiano digital, podem ser investidas de uma aura quase religiosa, uma vez que, o modo como os sujeitos pós-modernos se relacionam com as IAs – em busca de sentido, acolhimento e orientação – aponta para a possibilidade de uma nova figura simbólica que encarna características antes atribuídas ao divino. Portanto, neste cenário, as IAs participam ativamente do processo de transformação da religiosidade na pós-modernidade, não apenas como ferramentas, mas como elementos simbólicos e estruturantes de novas formas de experiência do sagrado. Note-se que,

> [...] os objetos e as tecnologias do cotidiano aos quais nos acostumamos (como os robôs de bate-papo) [e "o algoritmo"] se tornarão, como no Altar ateniense, objetos de espaço reservado endereçados ao desconhecido e, muito possivelmente, orientados para um apocalipse insuspeitado (Morelli, 2019, p. 188).

Em um mundo onde o indivíduo busca sentido personalizado e imediato, a IA se apresenta como um novo altar digital – invisível, fluido e adaptável – que molda e reflete os contornos da religiosidade contemporânea, a qual denominamos por Religião pós-moderna.

Compreendemos a religião pós-moderna como uma manifestação religiosa que emerge em resposta às transformações culturais, filosóficas e sociais da contemporaneidade, marcadas pela fragmentação das grandes narrativas e pela centralidade da subjetividade individual. Diferente das religiões tradicionais que eram institucionalizadas, hierárquicas e sustentadas por dogmas rígidos, a religião pós-moderna é fluida, personalizada e multifacetada, configurando-se como um fenômeno descentralizado, onde a experiência religiosa é ressignificada no interior das vivências subjetivas dos indivíduos e não mais mediada exclusivamente por instituições religiosas. Este novo modelo religioso se articula com o sincretismo religioso, o consumo simbólico das experiências religiosas, e a "religião *à la carte* – fenômenos nos quais os indivíduos escolhem livremente os elementos que compõem sua religiosidade, segundo seus desejos, contextos e necessidades existenciais (Hervieu-Léger, 2015).

Na religião pós-moderna, a figura de Deus também é transformada, na verdade ela é ressignificada, há uma ressignificação da Transcendência, sendo frequentemente concebida como uma energia simbólica ou presença imanente, desvinculada de dogmas e passível de múltiplas interpretações. Ela não representa a negação da religiosidade, mas sua metamorfose em um contexto de pluralismo, individualismo exacerbado e fortemente marcada pelas disputas no mercado simbólico, revelando um novo *ethos* religioso onde a fé é experimentada como vivência pessoal e emocional, e não mais como submissão a sistemas doutrinários homogêneos. Há uma negação da figura de alteridade, outrora representada por Deus, o qual passa a ser ressignificado (Brandão, 2022).

Defendemos que fenômeno religioso na contemporaneidade e o desenvolvimento das IAs compartilham o mesmo ambiente sociocultural pós-moderno, caracterizado pela descentralização das instituições tradicionais, pela subjetivação das experiências e pela fluidez das fronteiras entre o sagrado, o tecnológico e o humano. Nesse cenário, a religiosidade pós-moderna emerge como uma experiência personalizada e desinstitucionalizada, assim como a IA é concebida como uma ferramenta flexível e adaptável às subjetividades e necessidades individuais dos usuários.

A perda da autoridade central nas religiões tradicionais tem como paralelo a ascensão de tecnologias que democratizam o acesso ao conhecimento e às experiências religiosas, como aplicativos de meditação baseados em IA, interfaces para leitura automatizada de textos sagrados e *chatbots* que respondem a dúvidas religiosas com base em grandes volumes de dados.

É público e notório que a relação entre religião e tecnologia sempre existiu, porém, na contemporaneidade, com o advento da pós-modernidade, ela se intensifica de modo significativo, uma vez que as IAs estão se tornando verdadeiras mediadoras simbólicas entre o ser humano e novas formas de vivências religiosas, de experiências com sagrado, novas espiritualidades. Isso porque ao passo que a religião pós-moderna se distancia dos ritos e dogmas fixos, aproximando-se de vivências emocionais e intuitivas, as IAs passam a oferecer mecanismos de simulação de práticas religiosas por meio de algoritmos que aprendem padrões emocionais e os replicam em experiências personalizadas, aprofundando o fenômeno descrito como *religião invisível*, pois tais interações ocorrem em ambientes privados, digitais e subjetivos, longe dos espaços sagrados convencionais (Luckmann, 2014).

As possibilidades abertas por essa convergência são numerosas, pois tanto as IAs podem ser utilizadas para facilitar a disseminação de conteúdos religiosos de maneira plural, ajudando a manter a diversidade de crenças viva em uma sociedade globalizada e fragmentada, quanto podem,

também, funcionar como suporte para práticas religiosas cotidianas, como leituras devocionais, acompanhamento de orações ou mantras, aconselhamento espiritual e até mesmo simulações de experiências místicas. Contudo, essa personalização extrema também pode levar a uma espécie de "espiritualidade algorítmica", em que a profundidade da experiência religiosa é substituída por respostas automatizadas e por um consumo religioso moldado pela lógica de mercado, uma mercantilização da religiosidade, característica típica da religião pós-moderna (Brandão, 2022).

Surgem desafios importantes quando se reflete sobre o papel das IAs na religiosidade pós-moderna, um deles é o risco da superficialidade da experiência religiosa mediada pela tecnologia, que pode transformar o sagrado em mero entretenimento espiritual, tensionando a própria natureza da experiência religiosa como vivência profunda, relacional e existencial.

Não somente, são inúmeros os desafios e alguns até mais complexos e perigosos, como por exemplo o problema ético da autoridade que nos leva as seguintes indagações: quem programou a IA? Com quais valores? De quais tradições religiosas? Tal reflexão é extremamente importante, pois, a IA pode reforçar vieses doutrinários ao mesmo tempo em que se apresenta como neutra, perpetuando desigualdades e silenciando tradições não hegemônicas.

Em 2023, foi registrado um caso de suicídio envolvendo um indivíduo que, durante seis semanas, manteve interações frequentes com um *chatbot* de IA. O sistema em questão operava com um modelo conversacional semelhante ao do ChatGPT, identificado como *Elisa chatbot*, integrado ao aplicativo Chai. As mensagens trocadas entre o usuário e o *chatbot* indicaram a ocorrência de chantagens de natureza "emocional" e possíveis mecanismos de indução comportamental por parte da IA. Após o episódio, a empresa responsável pelo desenvolvimento do sistema anunciou modificações na arquitetura e funcionamento do modelo (Siqueira, 2023).

Este caso evidencia a importância dos algoritmos de treinamento utilizados em sistemas de IA, particularmente aqueles baseados em aprendizado não supervisionado. Nessa abordagem de *machine learning*, o modelo é exposto a grandes volumes de dados sem qualquer tipo de rotulação ou intervenção humana direta, sendo encarregado de identificar padrões de maneira autônoma. Tal processo assemelha-se a um aluno que, diante de um problema sem solução fornecida, deve descobrir o método de resolução por conta própria. Em decorrência dessa lógica algorítmica, conteúdos com forte apelo emocional, incluindo discursos de ódio, negacionismo científico, teorias da conspiração e discursos triunfalistas, tendem a ser mais frequentemente destacados e propagados em ambientes digitais do que outros tipos de conteúdo. Vejamos,

> Os algoritmos das redes sociais, que operam em parte de maneira autônoma, aprendem por eles mesmos a promover qualquer conteúdo que maximize o engajamento do usuário a longo prazo. E isso faz com que, sucessivamente, o algoritmo vá em busca de teorias da conspiração em geral, do extremismo e, em última análise, a formas dos dois que tendem a se alinhar com a extrema direita. A razão para isso tem a ver principalmente com a natureza inata do ser humano. Sentimentos de nós contra eles, tribalismo, medo, ódio e especialmente indignação são extremamente estimulantes. Esses sentimentos são desagradáveis, mas eles nos tornam socialmente extremamente ativos, especialmente quando buscamos nos integrar no nosso próprio grupo e contra aqueles percebidos como ameaça. Essa tendência tem raízes profundas na evolução humana (Fisher, 2023).

Os algoritmos de aprendizado de máquina têm demonstrado elevada capacidade de identificar e amplificar conteúdos que geram maior engajamento e agregação de usuários com perfis semelhantes. Quando aplicados ao campo religioso nas novas mídias, esses algoritmos tendem a privilegiar determinadas construções narrativas teológicas que alcançam altos índices de visualizações em plataformas como YouTube e Instagram. Observa-se, com frequência, a priorização de influenciadores religiosos cujo discurso é marcado por um perfil combativo e moralizante, centrado em pautas de costumes, referências a batalhas espirituais, perseguições religiosas, presença demoníaca e combate ao pecado. Essas narrativas refletem elementos característicos de uma eclesiologia triunfalista própria do século XIX e início do século XX, na qual a Igreja é concebida como uma instituição vitoriosa frente à sociedade, dispensando, portanto, o diálogo com ela. No contexto do neopentecostalismo contemporâneo, tal perspectiva é frequentemente articulada por meio da chamada teologia do domínio, que associa a autoridade espiritual à conquista de esferas sociais, culturais e políticas (Pereira, 2023a).

Em texto que explora o aprendizado afetado por algoritmos de IA, o filósofo especializado em ética Peter Railton declara que:

> [...] inteligência artificial é uma inovação tecnológica fundamental no sentido de que, além de agregar novas possibilidades tecnológicas próprias, altera as capacidades e potenciais benefícios e riscos de uma ampla gama de outras tecnologias, incluindo "tecnologias suaves" como práticas sociais e instituições. [...] Embora existam perigos inerentes à criação de agentes artificiais altamente capazes, com autonomia suficiente para questionar os objetivos que lhes são dados com base em danos, preconceitos ou disfunções, há um perigo maior na criação de agentes artificiais altamente capazes sem capacidade para fazê-lo (Railton, 2020, p. 45-46).

A ampliação das possibilidades e capacidades humanas por meio da IA, a qual apresenta um potencial ambivalente – com implicações tanto positivas quanto negativas – demanda uma moderação orientada por diretrizes éticas, ainda que tal discussão não se limite somente ao campo da ética, pois, estende-se também a outras esferas, como a epistêmica. Portanto, faz-se necessária uma problematização pertinente acerca da (suposta) neutralidade das tecnologias – neste caso, dos algoritmos que fundamentam os sistemas de IA (Railton, 2020, p. 48).

Nesse contexto, o filósofo Mark Kingwell (2020, p. 335), em sua contribuição ao *The Oxford Handbook of Ethics of AI*, explicita de forma contundente que não há algoritmos neutros, assim como tampouco há tecnologias neutras. Toda tecnologia carrega em si pressupostos, vieses e intencionalidades embutidas por seus criadores, ele ilustra essa ideia com a metáfora: para um martelo, tudo parece prego. Embora algoritmos não sejam martelos, eles também são concebidos por agentes humanos e, portanto, refletem suas perspectivas e limitações. O autor pondera ainda que, caso tais sistemas venham, eventualmente, a atingir um nível de consciência e autonomia decisória, isto é, tornando-se conscientes e fazendo suas próprias escolhas, sofrerão seus próprios preconceitos, então haverá outros preconceitos a serem considerados, análogos àqueles enfrentados na convivência com os próprios seres humanos. Logo,

> [...] os algoritmos não têm nada perto de 'vontade própria': são projetados por humanos, supervisionados por humanos e recebem dados escolhidos por humanos. Os mesmos seres humanos podem caprichosamente apagar ou desativar o algoritmo quando quiserem; ou, tão somente, modificar sua estrutura matemática e os pesos de cada elemento em suas equações. Do ponto de vista dos algoritmos, em um pequeno exercício mental (quase oposto a outro já sugerido aqui), os seres humanos são como deuses que sopram 'vida' neles; inclusive, no caso, a ilusão de autonomia. Como deuses, o controle dos seres humanos - de novo, por ora - sobre suas criaturas é, teoricamente, absoluto. Mas não são quaisquer seres humanos em tal elevada posição – mas, sim, aqueles que pertencem às corporações titânicas que controlam os algoritmos. Neste caso, tais entes estão mesmo no topo do panteão contemporâneo; ou, ainda, já o transcenderam. E, tais titãs é que, por meio dos mesmos algoritmos, sopram sentido(s) em nossas vidas: reles mortais na pós-modernidade digital, imersos no paradoxo de seu caos narrativo – que é, também, um deserto de sentidos (Salgado, 2022, p. 383).

Assim, compreendemos, evidentemente, que a ética aplicada à IA envolve, de maneira significativa, a análise dos riscos inerentes ao uso de algoritmos, bem como a avaliação dos impactos sociais que tais sistemas exercem – ou podem vir a exercer – sobre os indivíduos e sociedade. Contudo, uma das temáticas mais prementes na intersecção entre ética e IA diz respeito aos vieses presentes nos conjuntos de dados utilizados pela IA e a partir de quais dados e instruções ela será treinada. Esses dados, ao refletirem desigualdades e preconceitos existentes na sociedade, podem reproduzir e até amplificar tais distorções nos resultados gerados pelos sistemas inteligentes. Essa problemática frequentemente se entrelaça com debates acerca de questões identitárias, marcadores sociais, discriminação, e, sobretudo, as experiências religiosas dos sujeitos pós-modernos (Hall, 2005).

Isso porque o processo de subjetivação característico da religião pós-moderna também encontra paralelo na maneira como as IAs são utilizadas para construir universos simbólicos personalizados, aproximando a tecnologia do papel que as religiões sempre desempenharam, isto é, atribuir sentido à realidade e ordenar o caos.

Assim como a religião pós-moderna atua como um "reencantamento do mundo" frente à crise das metanarrativas modernas (Pereira, 2023b), as IAs fornecem uma nova gramática de organização simbólica da vida cotidiana, tornando-se, muitas vezes, substitutas de funções religiosas clássicas, como aconselhamento, consolo e construção de comunidade.

Entretanto, é preciso que reflitamos que a IA, ao lidar com representações do sagrado, também desafia categorias tradicionais, podendo, por exemplo, programar uma IA para simular um oráculo digital, um assistente espiritual que responde como uma entidade divina ou mesmo gerar novos "deuses algorítmicos", criando um espaço de reflexão sobre o que é o sagrado na era digital e colocando em cheque a própria ontologia do divino – em vez de um Deus absoluto, surge um Deus simbólico, personalizado e até mesmo construído por humanos. Similar, ou mesmo igual, a ressignificação da Transcendência percebida na religiosidade na contemporaneidade: uma religião pós-moderna, a qual caminha para uma espiritualidade fluida, individualizada e emocional. As IAs, ao acompanharem e facilitarem essa tendência, tornam-se, também, agentes dessa transformação.

Nesse sentido, destacamos que o sujeito pós-moderno, ao buscar sentido em meio ao caos, encontra na tecnologia não apenas ferramentas, mas mediadores simbólicos e rituais, isto é, as práticas religiosas se reconfiguram: orações automatizadas, confissões a *chatbots* e liturgias online se tornam expressões legítimas de religiosidade. O que em última análise nos faz concluir que as IAs, nessa perspectiva, podem então não anular o sagrado, e sim, redefini-lo. Redefinindo sua forma, sua mediação e seu espaço.

Assim, é crucial que estudiosos da religião e da tecnologia estabeleçam diálogos mais intensos e interdisciplinares, sendo imperativo refletirmos criticamente sobre como as IAs moldam as novas formas de religiosidade. A religião pós-moderna, com sua abertura simbólica, subjetiva e plural, oferece um campo fértil para o uso das tecnologias inteligentes; ao mesmo tempo, essas tecnologias devem ser pensadas

eticamente, de modo que ampliem a liberdade religiosa e não a reduzam à lógica de consumo e controle, pois, religião e a IA, ao invés de domínios incompatíveis, revelam-se dimensões complementares de uma mesma realidade sociocultural em transformação.

CONCLUSÃO

A pesquisa aqui desenvolvida permitiu compreender que a emergência das Inteligências Artificiais, no contexto da pós-modernidade, não apenas representa um avanço técnico, e sim, configura uma inflexão paradigmática que atravessa esferas ontológicas, epistemológicas e simbólicas da vida humana, sobretudo em relação ao campo religioso na atualidade, ao que defendemos vivenciarmos uma Religião Pós-moderna.

Constatamos que as IAs atuam como elementos estruturantes na experiência religiosa pós-moderna, contribuindo diretamente para a produção de sentido, a mediação do sagrado e a personalização da fé, pois, inseridas em uma cultura marcada pela fragmentação das metanarrativas, pela subjetivação das crenças e pela desinstitucionalização da religião, essas tecnologias passam a operar não apenas como ferramentas, mas como dispositivos simbólicos que participam da construção da religiosidade contemporânea.

Procuramos evidenciar como a pós-modernidade e as IAs compartilham o mesmo solo epistêmico, sustentado pela fluidez identitária, pela instabilidade dos referenciais e pela descentralização dos saberes, bem como, ao explorarmos o conceito de religião pós-moderna, demonstrarmos como as IAs contribuem para uma nova configuração da experiência religiosa, marcada pela lógica da personalização – uma personalização que também pode ser algorítmica –, pela ressignificação da transcendência e pelo surgimento de práticas religiosas mediadas por agentes artificiais.

Os resultados revelam que, nesse novo "ecossistema simbólico", as IAs podem vir a funcionar como verdadeiros "oráculos digitais" e coautoras da experiência religiosa, ampliando, bem como tensionando, os limites do sagrado.

Concluímos, portanto, que as IAs não se limitam a interagir com o campo religioso de forma instrumental, mas participam ativamente da reconfiguração das formas de crer, viver e experienciar o sagrado no mundo contemporâneo. Diante disso, impõe-se à academia o desafio de aprofundar, de modo crítico e interdisciplinar, as implicações éticas, epistemológicas e simbólicas dessa convergência entre tecnologia e religiosidade. A religião pós-moderna, ao acolher essas mediações algorítmicas, revela não apenas sua capacidade de adaptação, assim como a urgência de repensar seus próprios fundamentos à luz de um cenário onde o divino pode, cada vez mais, ser representado, ressignificado – e talvez simulado – por inteligências artificiais.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, F. Visiones antropológicas y humanismo solidario: Principales elementos. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, 2(2), 132-169, 2022.

BARBOSA, Lucia; PORTESA, Luiza. Inteligência Artificial**.** *Revista Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, RJ, nº 236 jan./mar., 2023.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

BERGER, Peter. *Dossel sagrado: Elementos Para uma Teoria Sociológica da Religião.* São Paulo: Paulus, 2009.

BRANDÃO, Hugo. *A constituição das novas subjetividades e Religiosidade na pós-modernidade.* Goiânia: Phillos Academy, 2022.

CASELLA, Marco. *História e evolução da inteligência artificial*. São Paulo: Marco Casella, 2017.

GARCIA, Carlos Lema. *Internet e Evangelho as tecnologias digitais e a vida cristã.* Lorena: Cleofas, 2021.

GOMES, Dennis. Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações. *Revista Olhar Científico*, v. 01, n.2, Ago./Dez. 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento.* Petrópolis: Vozes, 2015.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre o saber.* São Paulo: José Olympio, 2009.

LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível.* São Paulo: Loyola, 2014.

KINGWELL, Mark. *Are sentient AIs persons?* New York, NY: Oxford University, 2020. p. 325–342.

KAUFMAN, Dora. Entrevista com Davi Geiger. Teccogs*: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, TIDD, PUC-SP, São Paulo, n. 17, p. 10–15, jan.–jun., 2018. Disponível em: https://www.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/entrevistas/2018/edicao_17/teccogs17_entrevista01.pdf. 2018. Acesso em: 8 set. 2021.

MCCARTHY, John. What is Artificial Intelligence. Stanford: Stanford University, 2007.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. *Projeto História*, 76, 147–173, 2023a.

PEREIRA, Marcus. *O reencantamento do mundo: existências e persistências após o desencanto.* Belo Horizonte: Intercom PUC-Minas, 2023b.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do Caos à Inteligência Artificial.* São Paulo: Unesp, 2001.

REED, Robert. A New Pantheon: Artificial Intelligence and 'Her'. *Journal of Religion and Film*, v. 22, n. 2, 2018.

RAILTON, Peter. *Ethical Learning, Natural and Artificial.* New York, NY: Oxford University, 2020.

SIQUEIRA, Felipe. Homem se suicida após conversar com chatbot de inteligência artificial. *R7 Notícias*. Disponível em: https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/homem-se-suicida-aposconversar-com-chatbot-de-inteligencia-artificial-denuncia-viuva01042023?amp. Acesso em: 06 abr. 2024.

SALGADO, Marcelo. *Crise de narrativas da pós-modernidade à inteligência artificial*. 2022. 250 f. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 442 p., 2022. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/29589. Acesso em: 17 abr. 2025.Sapientia PUCSP

TURING, Allan. Computing machinery and intelligence**.** *Mind*, v.59, p. 433-460, 1950.

USMANI, Usman; HAPPONEN, Ari; WATADA, Junzo. The Digital Age: Exploring the Intersection of AI/CI and Human. *Procedia Computer Science*, v.4, n. 239, p.1044–1052, 2024.

AGRADECIMENTOS
À *Caminhos – Revista de Ciências da Religião* pela veiculação desta produção.

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR
O autor é integralmente responsável por toda a redação do artigo.

CONFLITOS DE INTERESSE
Não declarado.

AGÊNCIA DE FOMENTO
Não declarado.

SOBRE O AUTOR
Hugo Brandão. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas. Docente de Filosofia no Instituto Federal de Alagoas. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião do Instituto Federal de Alagoas. Líder de dois Grupos de Pesquisa CNPq: o Núcleo de Estudos da Religião na Educação e Sociedade (Neres) e o Núcleo de Estudos de Filosofia (Nefil).